ISSN: 2358-8829

PAISAGENS CARTOGRÁFICAS E MULTILINGUAGENS NO TERRITÓRIO ESCOLAR: TRAVESSIAS PARA UMA GEOGRAFIA DO DEVIR

Jacqueline de Vasconcelos Dantas Martins[1]
Cinthia Guimarães dos Santos[2]
Ana Lúcia Gomes da Silva [3]

INTRODUÇÃO

O território escolar é constituído por espaços, relações, experiências, memórias e modos de significar o mundo. Para além de sua materialidade física, a escola é atravessada por movimentos que nem sempre aparecem nos mapas convencionais ou nas representações cartográficas habitualmente mobilizadas no ensino de Geografia. São experiências que se manifestam nas narrativas dos estudantes, nos percursos cotidianos, nos sons, nas imagens, nos encontros e nas relações que estabelecem com os lugares em que vivem.

É nesse campo de possibilidades que se desenvolve a pesquisa intitulada **Paisagens cartográficas e multilinguagens no território escolar: percursos para uma Geografia do devir**, vinculada ao Mestrado Profissional em Educação e Diversidade (MPED), da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Campus IV, Jacobina. A investigação tem como território de aproximação o Colégio Estadual do Campo de Caatinga do Moura, localizado no distrito de Caatinga do Moura, município de Jacobina, Bahia, e se volta às experiências de estudantes da 1ª série do Ensino Médio.

[1]Mestranda em Educação e Diversidade (PPGED/UNEB). Integrante do Grupo de Pesquisa Diversidade, Discursos, Formação na Educação Básica e Superior (DIFEBA). E-mail: jacvdantas@hotmail.com;
[2]Mestranda em Educação e Diversidade (PPGED/UNEB). Integrante do Grupo de Pesquisa Diversidade, Discursos, Formação na Educação Básica e Superior (DIFEBA). E-mail: cinthiasemecmn@gmail.com;
[3]Professor orientador: Professora plena da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), do Departamento de Ciências Humanas – DCH IV - Jacobina - BA. Docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação e Diversidade (PPGED) e do Curso de Letras Língua Portuguesa e Literaturas. Pós-doutora em Educação pela Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM) e doutora em Educação pela UFBA. Líder do Grupo de Pesquisa Diversidade, Formação, Educação Básica e Discursos (DIFEBA). E-mail: analucias12@gmail.com
.

ISSN: 2358-8829

A aproximação com esse território não se restringe à localização da escola ou à descrição de suas características físicas. Interessa acompanhar as relações que constituem no território escolar e os modos pelos quais os estudantes percebem, narram e produzem sentidos sobre os espaços que vivenciam. Essa perspectiva implica considerar que o território não é apenas um cenário onde a educação acontece, mas uma dimensão constitutiva das experiências, das relações sociais e dos processos de produção de conhecimento.

No ensino de Geografia, a cartografia ocupa um lugar importante na leitura e na representação do espaço geográfico. Entretanto, quando suas práticas se limitam à reprodução de mapas previamente estabelecidos, podem reduzir as possibilidades de participação dos estudantes na elaboração de outras representações e interpretações de seus próprios territórios. A investigação parte, assim, do interesse em experimentar práticas cartográficas que acolham diferentes linguagens e possibilitem aos estudantes participar ativamente da produção de conhecimentos geográficos.

A questão que mobiliza a pesquisa é: como oportunizar a autoria estudantil por meio de práticas cartográficas menores no ensino de Geografia na Educação do Campo? A partir dessa problematização, estabelece-se como objetivo cartografar práticas cartográficas inventivas podem favorecer processos de autoria estudantil e produção de geografias menores na 1ª série do Ensino Médio.

A noção de cartografia em diálogo com uma cartografia menor, é mobilizada neste trabalho em diálogo com o pensamento de Deleuze e Guattari (1995), especialmente com as possibilidades de deslocamento das formas dominantes de organização do pensamento e da linguagem. Não se trata de considerar as produções estudantis como inferiores ou de estabelecer uma oposição simplificada entre cartografias maiores e menores. Busca-se, antes, investigar como outras formas de cartografar podem emergir das experiências dos estudantes, tensionando modelos representacionais fixos e abrindo espaço para diferentes modos de expressar e produzir conhecimentos sobre os territórios.

Nesse percurso, as multilinguagens assumem relevância por permitirem que as experiências sejam expressas por meio de registros escritos, imagens, fotografias, sons, desenhos, narrativas e outras formas de criação. A articulação dessas linguagens não constitui apenas uma estratégia de diversificação das atividades pedagógicas, mas uma possibilidade de ampliar os modos de conhecer, interpretar e narrar os espaços vividos.

ISSN: 2358-8829

A pesquisa encontra na cartografia, compreendida como acompanhamento de processos, uma orientação teórico-metodológica para construir os percursos investigativos. Em vez de estabelecer antecipadamente todos os caminhos e resultados, pretende-se acompanhar os movimentos que se produzirem nos encontros com os estudantes, com a escola e com o território. Nessa perspectiva, os Ateliês itinerantes são propostos como espaços de experimentação, criação e produção coletiva.

O texto apresenta, inicialmente, os caminhos metodológicos delineados para a investigação. Em seguida, articula contribuições teóricas acerca da cartografia, das multilinguagens e do território, aproximando-as da Educação do Campo e das possibilidades de autoria estudantil. Por fim, discute os movimentos previstos para os Ateliês itinerantes e as contribuições que essa proposta poderá oferecer ao ensino de Geografia, considerando que a pesquisa se encontra em desenvolvimento.

CARTOGRAFIA COMO MÉTODO E ATITUDE: ACOMPANHAMENTO DE PROCESSOS

A investigação adota uma abordagem qualitativa e se aproxima da cartografia como orientação teórico-metodológica, compreendendo a pesquisa como um processo construído no acompanhamento de experiências, relações e acontecimentos. Essa escolha dialoga com Passos, Kastrup e Escóssia (2009), para quem o método cartográfico se relaciona ao acompanhamento de processos, não se reduzindo à aplicação de procedimentos previamente definidos.

A cartografia, nesse sentido, não corresponde à elaboração de um mapa final que represente de maneira estática a realidade investigada. Ela envolve acompanhar movimentos, observar relações, registrar acontecimentos e perceber como os sentidos são produzidos ao longo do percurso. O caminho metodológico é construído na relação entre pesquisadora, participantes e território, sem desconsiderar o planejamento e os compromissos éticos da investigação.

O campo de pesquisa é o Colégio Estadual do Campo de Caatinga do Moura, situado no distrito de Caatinga do Moura, em Jacobina, Bahia. A investigação tem como participantes estudantes da 1ª série do Ensino Médio. A escolha dessa turma relaciona-se à intenção de acompanhar experiências escolares ao longo do percurso

formativo no Ensino Médio, considerando as possibilidades de continuidade e aprofundamento dos processos de criação e autoria.

A aproximação com a escola parte da experiência da pesquisadora como professora de Geografia na instituição, agora atravessada por um olhar investigativo. Essa condição exige um exercício de deslocamento: a familiaridade com o cotidiano escolar não substitui a observação e a problematização, mas constitui parte das condições a partir das quais a pesquisa se aproxima do território. Trata-se de observar o que parece habitual e perguntar como outras leituras e relações podem emergir das experiências escolares.

O percurso prevê a realização de Ateliês de pesquisa itinerantes, concebidos como espaços de encontro, experimentação e criação com os/as estudantes. As propostas poderão envolver mapas afetivos, registros fotográficos, paisagens sonoras, desenhos, narrativas, memórias e percursos sensíveis. Esses dispositivos não serão tratados como elementos isolados nem como atividades destinadas exclusivamente à obtenção de informações. Serão mobilizados como possibilidades de expressão e produção coletiva, cujos desdobramentos dependerão dos encontros e das questões que emergirem durante a pesquisa.

A dimensão itinerante da proposta relaciona-se ao movimento entre escola, experiências cotidianas e territórios de pertencimento. Nesse sentido, os microterritórios de Olhos d'Água, Lagoa e Boa Vista são considerados possibilidades de aproximação, respeitando o planejamento da investigação e as condições concretas de realização das atividades. O interesse não está em produzir um inventário definitivo desses lugares, mas em acompanhar as maneiras pelas quais eles/as podem ser percebidos, narrados e os sentidos e afetamentos produzidos pelos/as participantes.

A organização dos registros deverá considerar as diferentes materialidades produzidas durante o percurso, tais como imagens, textos, desenhos, sons e narrativas. A análise buscará acompanhar os sentidos produzidos, as relações estabelecidas entre as linguagens e as formas de autoria que possam se manifestar nas experiências. Não se pretende enquadrar previamente todas as produções em categorias rígidas, mas construir pistas analíticas em diálogo com a questão e o objetivo da pesquisa.

Os procedimentos serão conduzidos com atenção aos princípios éticos aplicáveis à pesquisa em Ciências Humanas e Sociais, considerando a Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde (BRASIL, 2016). A participação dos estudantes, os

ISSN: 2358-8829

procedimentos de consentimento e assentimento quando aplicáveis, a proteção de suas identidades e a autorização para utilização de imagens e demais registros deverão ser observados conforme as exigências éticas e institucionais pertinentes. A realização das etapas de campo estará condicionada às providências éticas necessárias.

Por se tratar de uma pesquisa em desenvolvimento, os procedimentos aqui descritos correspondem ao percurso delineado e não a uma etapa empírica concluída. Essa condição é importante para distinguir as possibilidades metodológicas projetadas dos resultados que somente poderão ser discutidos após a realização dos encontros e a análise dos materiais produzidos.

CARTOGRAFIA, MULTILINGUAGENS E TERRITÓRIO

Cartografar para acompanhar movimentos

A cartografia ocupa um lugar central nesta investigação, tanto pela sua relação com o conhecimento geográfico quanto pelas possibilidades metodológicas que oferece para acompanhar processos. No ensino de Geografia, a produção cartográfica costuma estar associada à leitura, à interpretação e à elaboração de representações espaciais. Essas práticas são fundamentais, mas podem ser ampliadas quando os estudantes são convidados a produzir outras formas de invenção/sentido, partindo das experiências, dos afetos e das relações que estabelecem com os territórios.

Em Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia, Deleuze e Guattari (1995) apresentam o rizoma como uma imagem conceitual que permite pensar conexões múltiplas, movimentos e possibilidades que não dependem de uma organização hierárquica única. Em diálogo com essa perspectiva, a cartografia pode ser compreendida como abertura a percursos que não estão inteiramente determinados de antemão. Isso não significa abandonar a intencionalidade da pesquisa, mas reconhecer que o processo investigativo também se constitui nos encontros e nas relações que se estabelecem ao longo do caminho.

Passos, Kastrup e Escóssia (2009) contribuem para essa compreensão ao discutirem a cartografia como método de pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Acompanhar processos implica observar como as experiências se transformam, como os participantes se relacionam com os dispositivos propostos e

ISSN: 2358-8829

como os sentidos se produzem durante a investigação. O conhecimento não é tratado como algo simplesmente extraído de uma realidade pronta, mas como uma produção que se constitui no próprio percurso investigativo.

Kastrup (1999), ao discutir a invenção de si e do mundo, também oferece uma contribuição para pensar os processos de criação e a relação entre conhecimento e experiência. Essa aproximação permite considerar as práticas cartográficas como possibilidades de deslocamento das formas habituais de perceber e interpretar o território. Ao elaborar uma imagem, registrar um som, narrar uma memória ou desenhar um percurso, o estudante pode estabelecer novas relações com aquilo que vivencia.

A noção de cartografia menor, mobilizada nesta pesquisa, procura aproximar essas discussões das práticas de ensino de Geografia. O termo menor não indica uma cartografia menos importante, mas orienta a atenção para as possibilidades de criação que emergem nas brechas dos modos convencionais de representar e ensinar. A intenção é acompanhar como os estudantes podem inventar maneiras próprias de expressar as experiências geográficas, sem reduzir suas produções à reprodução de representações previamente estabelecidas.

Assim, cartografar torna-se também uma maneira de acompanhar os processos de autoria estudantil. A autoria não é entendida somente como a elaboração individual de um produto, mas como a participação na construção de sentidos, na escolha de linguagens e na produção de representações que expressem relações com os espaços vividos.

Multilinguagens e autoria estudantil

As experiências territoriais não se expressam por uma única linguagem. Os estudantes estabelecem relações com os lugares por meio de narrativas, imagens, gestos, sons, lembranças, trajetos e práticas cotidianas. Reconhecer essa diversidade permite ampliar as possibilidades de produção de conhecimento geográfico e questionar a centralidade exclusiva da escrita e da representação cartográfica convencional nas práticas escolares.

Nesta pesquisa, a expressão multilinguagens refere-se à possibilidade de produzir e comunicar sentidos por diferentes formas de expressão. Fotografias podem registrar elementos de uma paisagem; sons podem evidenciar aspectos do cotidiano que não são

ISSN: 2358-8829

percebidos em uma representação visual; desenhos podem destacar relações afetivas com determinado lugar; narrativas podem expressar memórias e experiências que não aparecem em mapas convencionais. Cada linguagem apresenta possibilidades próprias, e sua articulação pode favorecer outras leituras do território.

A utilização dessas linguagens não significa apenas substituir uma atividade escrita por uma atividade visual ou sonora. O interesse está em investigar como diferentes modos de expressão participam da construção do conhecimento e como os estudantes podem escolher, combinar e transformar linguagens para comunicar suas experiências. Dessa forma, as produções não precisam obedecer a um modelo único de representação, desde que sejam compreendidas em relação às questões e aos processos desenvolvidos na investigação.

A autoria estudantil ganha relevância nesse contexto. Ao participar da criação de mapas afetivos, registros fotográficos, desenhos, narrativas ou paisagens sonoras, os estudantes podem assumir posições ativas na construção das representações e na produção de interpretações sobre os territórios. Isso não significa pressupor que toda atividade produzirá necessariamente autoria ou que todos os participantes se expressarão da mesma maneira. Trata-se de criar condições para que essas possibilidades sejam experimentadas e acompanhadas durante o processo.

A articulação entre cartografia menor e multilinguagens permite, portanto, pensar o ensino de Geografia para além da transmissão de conteúdos e da reprodução de mapas. O foco desloca-se para as relações entre experiência, linguagem e produção de conhecimento, valorizando os modos pelos quais os estudantes participam da elaboração de leituras geográficas.

Território escolar e Educação do Campo: relações, experiências e pertencimentos

Compreender o território escolar exige considerar tanto sua materialidade quanto às relações sociais e os sentidos que nele se produzem. O espaço da escola não se limita ao edifício, às salas de aula ou aos equipamentos disponíveis. Ele é constituído também pelas práticas pedagógicas, pelos deslocamentos cotidianos, pelas relações entre estudantes e professores e pelos vínculos estabelecidos com a comunidade.

Em **A natureza do espaço**, Milton Santos (2006) compreende o espaço geográfico a partir da articulação entre sistemas de objetos e sistemas de ações. Essa

ISSN: 2358-8829

perspectiva permite reconhecer que a materialidade espacial não pode ser separada das práticas e relações que a constituem. Na realidade escolar, o prédio, os caminhos de acesso, os espaços de convivência e os recursos disponíveis relacionam-se às ações, às experiências e às condições sociais em que a educação acontece.

Essa compreensão contribui para situar a escola no território de Caatinga do Moura, evitando tratá-la como uma unidade isolada de seu contexto. As práticas escolares estão relacionadas às experiências dos estudantes, aos percursos entre casa e escola, às relações comunitárias e aos modos de viver e significar o distrito. Assim, investigar o território escolar envolve acompanhar as conexões entre a vida cotidiana, a produção do espaço e as experiências educativas.

Rogério Haesbaert (2004), ao discutir o território e a multiterritorialidade, contribui para ampliar essa leitura. O território pode ser compreendido por meio de relações de poder e apropriação que envolvem dimensões políticas, econômicas e simbólico-culturais. As relações territoriais não se restringem a limites físicos: envolvem formas de pertencimento, circulação, identificação e apropriação dos espaços.

Essa perspectiva permite pensar que os estudantes participam de diferentes experiências territoriais, constituídas em suas relações com a escola, a família, a comunidade e os lugares que frequentam. Esses vínculos não são necessariamente homogêneos, tampouco podem ser presumidos a partir do lugar de moradia. A pesquisa busca, por isso, abrir espaço para que os próprios participantes expressem as relações que consideram significativas, sem antecipar suas identidades, pertencimentos ou formas de identificação com o território.

Na Educação do Campo, essa discussão ganha importância ao colocar em evidência a relação entre educação, vida cotidiana e contextos territoriais. A realidade local não deve ser tomada como um repertório fixo de características culturais a ser ilustrado em sala de aula. Ela pode constituir um campo de investigação e criação, no qual as experiências dos estudantes participem da produção de conhecimentos geográficos.

Em Caatinga do Moura, os percursos cotidianos, as memórias, os sons, as paisagens e as práticas comunitárias constituem possibilidades de aproximação com o território. A pesquisa não pretende pressupor quais desses elementos serão considerados mais significativos pelos estudantes, mas criar situações em que eles possam ser selecionados, narrados, registrados e reinterpretados pelos participantes.

ISSN: 2358-8829

O diálogo entre Santos (2006), Haesbaert (2004) e as perspectivas cartográficas de Deleuze e Guattari (1995) permite aproximar a materialidade do espaço, as relações territoriais e os processos de criação. Esses aportes não são tratados como conceitos equivalentes, mas como contribuições distintas que ajudam a compreender a complexidade do território escolar e as possibilidades de produzir outras leituras geográficas a partir das experiências estudantis.

ATELIÊS ITINERANTES E POSSIBILIDADES DE CRIAÇÃO: EMERGÊNCIAS EM CAMPO

Por se encontrar em desenvolvimento, esta pesquisa apresenta, nesta etapa, as possibilidades teórico-metodológicas dos Ateliês itinerantes, sem antecipar resultados empíricos. A proposta dialoga com a obra **Ateliês de Pesquisa**: formação de professores(as)-pesquisadores(as) e métodos de pesquisa em educação, organizada por Silva, Costa e Pereira (2020), compreendendo os ateliês como espaços de experimentação, criação e produção coletiva, articulados às questões da investigação.

Os Ateliês de pesquisa itinerantes buscam aproximar as experiências escolares dos territórios vivenciados pelos estudantes, considerando possíveis percursos por Olhos d'Água, Lagoa e Boa Vista. Mapas afetivos, fotografias, paisagens sonoras, desenhos e narrativas poderão compor as experimentações, possibilitando diferentes formas de expressar e produzir sentidos sobre os lugares. Esses dispositivos não serão tratados como produtos isolados, mas como possibilidades de acompanhar as relações que os participantes estabelecem com suas experiências territoriais.

Nesse processo, a autoria estudantil será compreendida como uma dimensão a investigar, observando-se como os estudantes poderão participar das propostas, escolher linguagens e elaborar representações próprias. A intenção é ampliar as possibilidades de produção do conhecimento geográfico para além da reprodução de mapas convencionais, valorizando a criação e a pluralidade de expressões. A condição da pesquisadora como professora da instituição também exige atenção aos procedimentos éticos e à distinção entre as relações pedagógicas e a participação na pesquisa.

Assim, os Ateliês de pesquisa itinerantes constituem uma possibilidade de articular cartografia, multilinguagens e território no ensino de Geografia. Suas contribuições para os processos de autoria estudantil serão discutidas a partir das

ISSN: 2358-8829

experiências e dos materiais efetivamente produzidos durante o trabalho de campo, respeitando o caráter processual da investigação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: PERCURSOS ABERTOS À IN(TER)VENÇÃO

A pesquisa parte da compreensão de que o território escolar é constituído por relações, experiências e sentidos que ultrapassam sua materialidade física. Ao tomar o Colégio Estadual do Campo de Caatinga do Moura como campo de investigação, busca aproximar o ensino de Geografia das experiências territoriais dos estudantes, considerando as possibilidades de produzir conhecimentos por meio de práticas cartográficas inventivas e multilinguagens.

O diálogo entre Deleuze e Guattari (1995), Kastrup (1999), Passos, Kastrup e Escóssia (2009), Milton Santos (2006) e Rogério Haesbaert (2004) oferece diferentes contribuições para pensar a cartografia, a produção do espaço, as relações territoriais e os processos de criação. Essas perspectivas permitem considerar o território escolar como espaço de relações e experimentações, no qual as práticas de ensino podem acolher outras maneiras de representar e narrar as experiências vividas.

Os Ateliês de pesquisa itinerantes, articulados à discussão apresentada por Silva, Costa e Pereira (2020), constituem uma possibilidade de organizar encontros nos quais os estudantes possam experimentar diferentes linguagens e participar da produção de representações sobre seus territórios. Mapas afetivos, fotografias, registros sonoros, desenhos e narrativas são compreendidos como possibilidades de criação, cujos sentidos deverão ser acompanhados ao longo do percurso investigativo.

Por estar em desenvolvimento, a pesquisa ainda demanda a realização das etapas de campo e a análise dos materiais que serão produzidos. Não é possível antecipar os efeitos dos ateliês sobre a autoria estudantil, nem afirmar quais sentidos serão construídos pelos participantes. O que se apresenta neste momento é uma proposta de investigação que busca criar condições para acompanhar esses processos, respeitando a singularidade das experiências e os princípios éticos da pesquisa.

A contribuição pretendida consiste em compreender como práticas cartográficas inventivas podem oportunizar processos de autoria estudantil e produção de geografias menores no ensino de Geografia na Educação do Campo. Mais do que oferecer um modelo fechado de atividade, a investigação busca construir um percurso em que as

linguagens, os encontros e os territórios possam mobilizar outras formas de produzir conhecimento geográfico. Uma Geografia do devir, nesse horizonte, não corresponde a um resultado previamente determinado, mas à abertura para acompanhar as possibilidades que se constituem no próprio caminhar.

Palavras-chave: Cartografia menor, Paisagens cartográficas, Educação do Campo, Ensino de Geografia, Multilinguagens.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016.** Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais. Brasília, DF: Conselho Nacional de Saúde, 2016.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia.** v. 1. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

HAESBAERT, Rogério**. O mito da desterritorialização:** do "fim dos territórios" à multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

KASTRUP, Virgínia. **A invenção de si e do mundo:** uma introdução do tempo e do coletivo no estudo da cognição. Campinas, SP: Papirus, 1999.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (org.). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade.** Porto Alegre: Sulina, 2009.

SILVA, Ana Lúcia Gomes da; COSTA, Váldina Gonçalves da; PEREIRA, Diego Carlos (org.). **Ateliês de pesquisa:** formação de professores(as)-pesquisadores(as) e métodos de pesquisa em educação. Salvador: EDUNEB, 2020.